

A BARCA DE S. PEDRO,

PERIODICO POLITICO E TALVEZ DA OPPOSICÃO.

Deus meumque jus!

Este Periodico pertence á nova **Sociedade Imperial Pernambucana**, e tem por objecto sustentar os principios liberaes professados pelo partido nacional praieiro, cujos principios são: — Monarquia — Integridade do Imperio — Constituição — e Reformas na administração geral e provincial pelos meios que a mesma Constituição offerece.

NUMERO 44.

Segunda-feira 11 de Setembro

4. SERIE.

Os Partidos politicos.

Os partidos politicos se distinguem por suas idéas, por seus principios e por suas doutrinas; não pode haver partido sem uma bandeira com as cores das suas crenças; o de mais não é partido, são facções, são parcialidades, que seguem as inspirações ou conveniências de certas e determinadas pessoas. Quando um partido politico pleiteia a sua causa, a primeira cousa que deve fazer é apresentar as suas doutrinas, e justificar-as com os factos ou com as theorias, quer na imprensa quer na Tribuna, provocando a discussão, e chamando a terreiro os campeões das doutrinas contrarias. O interesse portanto de qualquer partido politico está na publicidade das suas opiniões, porque lhe convem attrahir proselitos, e inocular as suas doutrinas no animo do maior numero.

A vista pois desta verdade, perguntamos: quantos partidos politicos existem hoje no Brasil? um só, responderemos nós, e é o que representamos neste papel: o partido nacional praieiro. Recebemos os Jornaes de todo o Imperio, e ainda não vimos um só doutrinario senão o nosso; ainda não lemos uma só discussão acerca das reformas mais urgentes, e reconhecidas por todos, ainda não vimos refutados os nossos artigos, nos quaes temos aventado tantas proposições, tantas ideas novas, tantas reformas importantes; e o que pensar de tudo isto? é que todo o Brasil se conforma com as nossas doutrinas, porque quem cala consente, e então é o nosso partido o unico que tem principios geraes, ou os outros partidos, se os ha, não tem principios nem convicções, e deixão por isso mesmo de serem partidos politicos, porque, como estabelecemos acima, os partidos politicos só se distinguem por suas ideas, por seus principios ou por suas doutrinas.

Dizei-nos, quaes são os principios ou as doutrinas da parcialidade guabirú de Pernambuco? Finou-se o *Lidador*, e resuscitou na *União*; onde está até hoje uma só doutrina, ou a só idea luminosa, ou a nova bandeira da tão apregoada conciliação? Escrevemos ha tres mezes sobre as necessidades mais urgentes, sobre as reformas que mais convinhão ao estado decadente do paiz; tratamos de questões geraes, e chamamos a attenção de todos os Brasileiros sobre os pontos cadeas das nossas crenças, e ninguem ainda nos contradiz, ninguem nos contestou, ninguem nos tachou de falsos ou de exagerados, ninguem oppoz ás nossas as suas doutrinas, ninguem sustentou um só principio contrario as nossas ideas; e o que devemos suppôr desse silencio? o geral acquiescencia do paiz ou a maior indifferença em materias de interesse publico.

Indifferença! quando todos soffrem, indifferença quando ninguem está contente com a sua sorte, indifferença quando uma furiosa tempestade ameaça a nau do Estado, e todos podemos naufragar no meio das ondas populares, indifferença no Brasil, onde tantos elementos se combatem, onde a Sociedade inteira se resente de tantos vicios radicaes, onde os males se accumulão sobre males, onde a esperança do presente está toda fundada na incertesa do futuro! aqui não pode haver indifferença, senão desanimo quando muito, ou então forçoso é acreditar que todos estão persuadidos da bondade das nossas doutrinas, da efficacia dos nossos remedios, e da necessidade de uma completa reorganisação. Sabemos que a Barca de S. Pedro tem feito no Rio de Janeiro uma assombrosa revolução nas ideas, e que muitos homens, alias indecisos e pusillanimes, hoje querem e concordão em todos os meios que indicamos. Mas, como isso se fará? Deus lhe ponha o remedio, e nos preserve de toda e qualquer alteraço na ordem publica durante o interregno das actuaes instituções.

Haver-nos-hemos enganado sobre as necessidades do paiz? e porque ninguem ainda nos disse que estavamos em erro? será tão fraca a nossa voz, que ninguem a ouviu? e porque repettem o nosso grito, sem que ousem tachar-nos de exagerados? é porque fallamos á consciencia de todos os homens, de todas as classes e de todas as condições; é porque a verdade das nossas doutrinas está gravada no coração de todo Brasileiro sem distincção. Todavia não nos responsabilisamos pelo resultado das medidas, que não forem de accordo com as nossas doutrinas; que importaria um fim honesto, se se empregassem meios torpes para conseguil-o? Se é mister uma grande intelligencia para formar um vasto plano de organisação social, muito mais necessaria se torna para executal-o com prudencia e com utilidade. Se destruídes tudo de momento, correis o risco de uma subversão total, e então será muito difficil manter a ordem publica sem uma força consideravel para apoiá-la. Tendes essa força?

Me direis que o *prestigio* é sufficiente para obstar qualquer invasão das ideas ultra liberaes ou vice versa, e eu vos oporei as tendencias para exorbitar sempre das regras de moderação, quando se trata de uma revolução de principios, em que pode naufragar o prestigio, que é só força moral. Não vos ficis nesse elemento, que é precario; preparai com antecedençia todos os elementos da nova ordem de consas, e ide substituindo com prudencia peccas por peccas do edificio, que desaba por seu proprio peso, do contrario

podéis ficar de baixo de suas ruínas. Eu não sou um louco, que aventasse a idea de uma destruição completa das instituições existentes sem ter meditado antes nos meios de substituil-as por outras preparadas de antemão; eu não quero uma subversão total, nem a aconselharei nunca; o que pretendo é que a reforma se faça gradualmente, até a completa organização do paiz em todos os ramos da publica administração, conservando-se em todo o caso a liberdade individual e a segurança da propriedade.

Tornamos a repetir, que uma revolução é hoje inevitavel no Brasil, porem tão proficua e salutar ella pode ser, vindo com prudencia de cima para baixo, como desgraçada e fatal, partindo de baixo para cima. Deos permita que o Imperador nos ouça.

Colonisação que convem ao Brasil. (*)

O vicio mais radical da nossa actual organização é que não temos sociedade, e não temos sociedade porque ninguém se entende, e todos vivem á lei da natureza. He verdade que temos um governo, e um paiz immenso mais ou menos povoado, mas isto não prova que tenhamos sociedade organizada, nem que os membros desta sociedade gosem das vantagens, que ella promette. Pode-se dizer que, á excepção das Capitães, e dos grandes proprietarios de terras, o povo do interior vive todo na mais revoltante miseria, sem eira nem beira nem ramo de figueira.

Toda Sociedade politica começa a formar-se pelo seu elemento primitivo — o povo — e depois vêm as ordens ou classes, e depois as gerarquias, e acaba na cupola, que é o governo; porem entre nós a Sociedade começa e acaba pelo governo, isto é, como dizem os hespauloes: *todo el pescado se vuelve cabeza*. Todos os dias ouvimos dizer, que temos falta de braços, que venhão escravos africanos, que venhão colonias estrangeiras, &c.; entretanto Raimundo Gomes, o mais despresivel peão, teve doso mil braços para saquear e devastar a provincia do Maranhão; Vinagre e Angelim tiveram seis a oito mil para assolar o Pará; Vicente Ferreira de Paula teve mais de seis mil para sustentar a guerra, chamada dos Cabanos, tres annos em Pernambuco; Pinto Madeira reuniu só no Crato seis mil homens; Salino na Bahia teve de cinco a seis mil, e Bento Gonçalves ainda desafia (1842), depois de 7 annos de luta, todas as forças do Imperio com os braços dos Rio-Grandenses. A cada passo ouvimos dizer, que o recrutamento desfalca a agricultura, porque tira os braços da lavoura, entretanto vêde as autoridades simultaneamente attribuirem ao recrutamento a tranquillidade publica pela limpa e cresta dada nos vadios e ladrões, de que abundão os nossos campos, e até as nossas cidades. Parece, pelo contrario, que a Sociedade, longe de sentir falta de braços, regorgita pelo numero improductivo, e porque não lhes pode dar occupação.

Venhão africanos! venhão colonias! gritão os traficantes de carne humana: mas os africanos custão muito dinheiro, e são braços destinados a augmentar a fortuna dos ricos, que os podem comprar. Os colonos! mas esses trabalham para si; e o povo, que cá está, que vantagem tira disso? e o paiz o que ganha de mais, arruinando a sua propria população em troco de uma população nova, sem raizes no solo, e por consequencia guiada tão somente pelo amor do ganho? Mas a nossa população, dizem alguns, é viciosa, inerte, inimiga do trabalho, e por consequencia

(*) E: Memoria fui escripta no Rio de Janeiro em 1842; porem algumas notas forão feitas depois em diversas épocas.

incapaz de ordem e de sujeição! Enganei-vos na conclusão, digo eu, porque não ha povo incapaz de ordem nem de sujeição, o ponto é que lhe saibais pôr o freio; e depois todo o povo é o mesmo: animal de costumes por toda a parte. Quereis corrigir o vosso povo? comecei por educal-o; quereis estabelecer colonias agricolas? estabelecei-as com Brasileiros, e depois virão de moto proprio os estrangeiros reunir-se-lhes.

Acreditais acaso que todas as provincias do O. e S. dos Estados Unidos forão fundadas por estrangeiros? estais enganados, eu ves asseguro que nenhuma; todas são e tem sido colonizadas pelos proprios filhos dos Estados do Norte, isto é, Massachussetts, New-Hampshire, Maine, Rhode-Island, Vermont, Connecticut, &c. Não são os estrangeiros os primeiros que se internão, nem que lutão com os Indios, e lhes disputão suas terras, nem que derrubão as primicias arvoredas das florestas primitivas; não, são sim os proprios filhos do paiz, affeitos a elle, e dados a este genero de especulação. Quando uma população está ja reunida, então vêm os estrangeiros a buscar trabalho, e a situarem-se em torno da nova colmeia; assim mesmo muito poucos se internão: os estrangeiros ficão quase sempre na costa, e apenas enchem o vazio dos filhos do paiz, que emigrão para o interior.

E de mais, com que gente colonizou o Grande Frederico a Silesia? com Prussianos. Com que gente colonisa a Russia (ha um seculo) as ribeiras do Volga e do Medvedtza, os governos de Schernigof, de Kherson, e os Circulos do Pruth, Kakoul, Ismail, Boudjak, &c.? com subditos do Imperio Russo, e ultimamente, á imitação dos Romanos, fundando colonias agricolas com os seus veteranos no governo de Kharkof, &c. Vêde modernamente a Hollanda e a Belgica encheuladas em colonisar terrenos agrestes com os proprios Belgas e Hollandezes; mas, que classe de gente empregão nisso? Vêde bem, empregão os MENDIGOS!!! e á imitação deste exemplo estão-se creando em toda a Alemanha colonias de mendigos. (4)

E porem, para que citar-vos exemplos alheios, quando os temos de sobra dentro do proprio paiz? Quem colonizou a muito estensa, rica, e hoje populosa provincia de Minas? forão os Paulistas. Quem colonizou Goyaz e Matto Grosso? Paulistas. Quem formou os primeiros estabelecimentos em Santa Catharina, e no Rio Grande do Sul? forão ainda Paulistas. Quem conquistou a Parahiba, Rio Grande do Norte, o Ceará, e o Maranhão? forão os Pernambucanos. Quem povoou todos esses sertões? forão tambem Pernambucanos. Quem fundou a Cidade do Rio de Janeiro? Colonos da Bahia e de S. Vicente, que vierão com Mendo de Si e seu Sobrinho expulsar os Francezes desta rica e vasta região, onde os Portuguezes vierão depois achar abrigo entre os primeiros occupantes (mestiços e indigenas.) Quem forão os primeiros que se internãõ pelos sertões, descobrião e lavrãõ minas, estabelecerão arraiaes, e fundarão as primeiras villas, hoje populosas cidades do interior? forão os nascidos no paiz, aclimados, vigorosos, cheios de esperanças e de enthusiasmo. Só depois da existencia desses novos estabelecimentos, quando as relações commerciaes estavam já abertas, foi que os colonos portuguezes, estabelecidos nas costas, começaram a internar-se animados pelo amor do ganho; mas o primici-

(1) A Inglaterra reconhece tanto esta conveniencia, que uma Sociedade, formada em Londres por grandes capitalistas, com o fim de diminuir a taxa dos pobres, assentou de criar colonias agricolas de indigentes dentro do proprio paiz. Com effeito, nas cercanias de Wells o sistema introduzido tem tido o mais benéfico resultado.

ro passo estava dado pela audacia dos proprios fillos do paiz, verdadeiros colonos do interior. Porque não faremos nós por experiencia e por necessidade aquilo que os nossos maiores fizeram por audacia, e por avidez de fortuna? (2)

Todos os paizes antigos, ao menos dos que temos noticias, mandaram sempre o excesso de sua população para outras regiões a fundar colonias, ou o fizeram por meio de conquistas como os Gregos, Romanos, e Cartaginezes; mas creal-as com estrangeiros dentro do proprio paiz, só se tem visto em poucos casos e nos tempos modernos; como, por exemplo, quando em 1680 Frederico 1.^o creou na Prussia colonias agricolas para os Protestantos francezes refugiados; ou quando Catharina 2.^a convidou os estrangeiros para virem estabelecer-se nos seus Estados, e mandou fundar as colonias allemães na Bessarabia; ou quando, em tempo de Carlos 3.^o da Hespanha, se fundarão as colonias agricolas de Serra Morena (1768).

todavia, nenhuma destas colonias prosperou: em 1718 tiuha quasi desaparecido as colonias dos protestantes francezes, e em seu lugar fundarão-se outras com Prussianos, que logo prosperarão; as colonias allemães da Bessarabia, cuja fundação custou tanto dinheiro á Catharina 2.^a, forão completamente aniquiladas, e da Serra Morena apenas a *Carolina*, capital do novo governo colonial, pôde sustentar-se á custa dos proprios naturaes, e da desmarcada protecção do governo, que se achava empenhado em destruir a sentina de ladrões da mesma Serra Morena, que infestava quase toda a Andaluzia, e principalmente o caminho de Sevilha á Madrid. Em troca, porem, destes

(2) Os portuguezes, que por um sistema mesquinho ou de sordida avaresa, nunca permitirão que entrese no Brasil um só estrangeiro, comprehenderão sem embargo essa especie de colonisação interna com os proprios fillos do paiz. Com effeito, pela provisão de 9 de Fevereiro de 1723, em consequencia da Resolução Regia de igual data, foi autorisado o Vice Rei do Brasil Vasco Fernandes Cesar de Menezes, não só para crear uma Villa no Rio das Contas, Comarca de Jacobina, mas todas quantas entendesse serem uteis e necessarias em maior beneficio do Estado e dos Povos residentes nos Sertoes, dando ás povoações *novas formas civil e politica* por onde se regessem, e os seus moradores se conservassem pacificos e quietos. Por effeito desta autorisação creou as villas de Maragogipe e de Santo Amaro da Purificação, que merecerão a Real approvação, e as de Itapicurú, Inhambupe, e Abadia em cumprimento da Resolução de 28 de Abril de 1728, participada pela Provisão da mesma data.

A Carta Regia, porem, de 22 de Julho de 1766 (que foi Circular para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Geraes, e mais Capitania onde se acha registrada) autorisou seus Governadores para obrigar os *homens vagamundos pelos sertoes ou em sitios volantes*, a escolherem lugares acomodados, onde vissem juntos, *fizerem povoações civis, que tivessem ao menos para cima de 50 fogos*, com Juizo Ordinario, Vereadores, e Procurador do Conselho, repartindo-se entre elles, com justa proporção, as terras adjacentes, afim de se evitarem os insultos atrosos, que nos sertoes commetião os vadios e facinorosos, vivendo separados da sociedade civil e commercio humano á maneira de feras. Fundados nesta Carta crearão os Governadores e Capitães Generaes do Brasil muitas villas. (aqui ha uma nota onde vem especificadas as villas creadas em diversas Capitania em consequencia desta Carta Regia) *Mem. de Mons. Pizarro, tom. 8, paggs. 50 e 51.*

ensaios malogrados, vêde como prosperarão todas as colonias internas com os proprios fillos do paiz.

Lembrai-vos dessas colonias militares que Carlos XI fundou, ha mais de seculo e meio, na Suecia, e donde sairão os bravos soldados de Carlos XII, e ultimamente os infatigaveis trabalhadores, que cavarão na rocha viva o canal de Gottha, destinado a evitar a volta e os inconvenientes da passagem do Suuda. Lembrai-vos dessas bellas colonias estabelecidas pelo Grande Frederico em todos os seus estados hereditarios, assim como das de veteranos fundadas pela Imperatriz Maria Thereza para os seus bravos Hungaros cerca de Newstadt e na estrada de Viena, e da colonia agricola para *indigentes*, fundada perto de Quikborn no Holstein debaixo do nome de *Frederiks-Gabe*. Lembrai-vos igualmente dessas colonias de indigentes do Hanovre, estabelecidas quase todas nas charnecas pertencentes á Corôa. Lembrai-vos de outros estabelecimentos semelhantes na Westphalia, principalmente os que estão perto de Oldembourg, assim como na Baviera, e em muitos outros Estados da Alemanha; e se quizerdes ter ainda mais intima convicção do que acabo de dizer-vos, estudaí um pouco esse admiravel sistema de colonisação interior, que o genio do General Van den Bosch creou na Hollanda e na Belgica.

Este General, sendo Director de Engenheiros em Java, teve tempo de estudar perfeitamente e de calcular todas as vantagens e desvantagens da emigração para o Ultramar, e comprehendendo logo o proveito, que se devia esperar das colonias de beneficencia no proprio paiz, sem expôr os habitantes á uma expatriação quase forçada. Traçou portanto um plano com este fim, e o communicou ao Principe Frederico, filho 2.^o do Rei Guilherme, que o fez approvar pelo Governo. Creou-se então uma sociedade de beneficencia em 1818, a qual contou desde logo 45 mil assignantes, e os matagaes de Dreuthe forão escolhidos para theatro da mais bella obra philanthropica, de que se possa com justiça gloriar o genero humano. Finalmente em 1829 o successo era completo, e as colonias de indigentes da Hollanda apresentavão o mais risonho aspecto, contando uma população de 7:815 individuos, arrancados á miseria e aos vicios.

(Continuar-se-ha)

Dia 7 de Setembro.

A nossa opinião sempre foi que a independencia do Brasil datava de 1808, e que em 1822 apenas nos tinhamos separado da communhão portugueza formando uma nação à parte; portanto o dia 7 de setembro tem para nós uma significação secundaria, isto é, não representa a independencia como emancipação mas tão somente a separação como um convenio, ainda quando não fosse desde o principio de commun accordo. Com effeito, a independencia se realisou desde que El-Rei veio estabelecer a sua côrte no Brasil, porque desde então deixamos de ser uma colonia. Houve um interregno dessa independencia no intervallo, que mediou entre a volta d'El-Rei para Portugal e a aclamação do 1.^o imperador, mas todo o mundo sabe que nesse tempo o Sr. D. Pedro 1.^o governou sempre como quiz, e que os actos das côrtes ou do governo de Lishon servirão tão somente para accelerar a separação.

Dirão alguns, que não tínhamos um governo *proprio* no tempo do antigo regimen, e por consequencia não eramos independentes; porém quem observar que a administração publica era igualmente a mesma para o Brasil que para Portugal, que gosavamos de todas as regalias como nação, e que El-Rei não era mais despotico para nós do que para o resto da nação portugueza, verá que, estando a metropole no Brasil, o governo era tão *proprio* naquelle tempo como hoje, com a differença que então tínhamos um governo absoluto, e hoje outro constitucional representativo, sem que estas differenças possam mudar a natureza das cousas, isto é, a condição do governo.

Realizada a separação, modificamos a forma do governo, conservando a monarchia como base das nossas instituições; o que foi de certo o passo mais acertado, e o que nos tem por isso mesmo preservado de todas as calamidades porque tem passado toda a America do Sul e Norte á excepção dos Estados-Unidos. Ainda assim não fomos tão felizes quanto deviamos sê-lo, se ao acto da separação houvesse presidido mais intelligencia ou mais sinceridade: fomos desgraçadamente illudidos na partilha, e ainda hoje sentimos os deploraveis effeitos da nossa infantil credulidade. Todavia a separação era uma necessidade daquella epocha, e na escolha dos meios não podia haver muita demora; separados, era mister constituirmo-nos em corpo de nação, e começar vida nova e independente como verdadeiramente emancipados.

Se não damos ao dia 7 de setembro todo o valor, que muitos lhe attribuem, não deixamos comtudo de o aplaudir como uma epocha memoravel na nossa emancipação; porque della data a extincção do governo absoluto no Brasil. A separação, tornamos a repetir, era uma necessidade daquelle momento; tínhamos chegado á epocha da nossa maioridade, e ninguém a podia retardar. Os portuguezes se oppozerão, como era de esperar, mas nós os vencemos por toda a parte, e os enchoamos á couce d'armas. Se tivéssemos o tino e a experiencia dos Norte-americanos, contentar-nos-híamos com as instituições, que abraçamos, melhorando a nossa condição colonial; porém eramos desgraçadamente descendentes de um povo já degenerado, que no acto da separação nos legou todos os seus vícios sem nenhuma das suas antigas virtudes.

Era mister antes de tudo cuidar da instrução publica, e preparar os novos elementos de uma sociedade, que se reconstruia, para assim dizer, desde a sua base; eutretanto conservamos todos os vícios da administração, mudando apenas um ou outro nome sem nos importarmos com a realidade das cousas. Nove annos depois todo o Brasil se resentia desse estado precario, e como que anhelava uma mudança, não na forma, mas na essencia do governo: houve por tanto a abdicção, e nem

por isto melhoramos. Segnio-se a menoridade, que devia servir de util lição para outro qualquer povo ainda de menos intelligencia, e sem embargo só um proveito tiramos, que foi a convicção profunda, de que só a monarchia nos pode salvar no meio de tantos elementos heterogeneos. Veio pois o segundo reinado, quando circumstancias independentes dos homens tinham mudado a face do paiz; ainda assim continuamos na mesma carreira tortuosa, desconhecendo os vitaes interesses do povo, que já está cansado de soffrer e de esperar.

Teríamos, quando nos separamos dos portuguezes, quatro milhões de habitantes no Brazil, hoje temos mais de seis milhões, o que importa mais de um terço de augmento da população no espaço de 26 annos. Este fenomeno economico politico não é de pouca consideração para quem quizer estudar as causas do nosso engrandecimento, e apesar da nossa viciosa e pessima organização. Este acrescimo pessoal corresponde a outro augmento não menos significativo da nossa riqueza, mas nem ella é tal qual deviamos esperar, nem acompanha a serie progressiva da população. Parece pois que, accumulando-se os capitales em poucas mãos, cahiremos no medonho pauperismo europeu, que é o cancro que devora todas as sociedades modernas. Contamos, é verdade, 26 annos de emancipação civil e politica, porém nenhum povo ainda desperdiçou tanto tempo em ridiculos ensaios sem o menor proveito para suas instituições. A nossa sociedade é um cabos, donde pode pela divina providencia sair a ordem, mas convém não demorar a hora da redempção.

Se o primeiro Imperador consumou a grande obra da nossa nacionalidade, o segundo pode ainda mais realizar todos os corolarios desse facto, reorganizando o paiz como o demandão todas as suas necessidades. Temos vícios radicales, que é mister fazê-los desaparecer, ainda com maiores sacrificios do que temos feito durante o tirocinio da nossa emancipação. Se o dia 7 de setembro de 1822 foi realmente um dia glorioso para o Brazil, convém que não esqueçamos todas as vantagens que elle nos prometeu: é mister que o Brazil seja dos brasileiros, e nisso devemos cuidar com afincio d'ora avante.

(Diario Novo.)

PERNAMBUCO.

TYP. IMPARCIAL. — POR S. CAMINHA. — 1848.